

Menos riscos para hemofílicos

Monique Renne/Especial para o CB

HELENA MADER
DA EQUIPE DO CORREIO

Aos dois anos, o pequeno Pedro Arthur Miranda já se acostumou com três injeções semanais para evitar hemorragias. Ele é hemofílico e tem acompanhamento médico desde os seis meses de idade. O menino será um dos beneficiados por uma novidade que chegou à capital. O Distrito Federal é a primeira unidade da federação a oferecer aos pacientes o fator oito recombinante, substância produzida em laboratório que imita no corpo humano a atuação dos coagulantes sanguíneos.

O remédio é sintético e não hemoderivado, como os medicamentos usados até agora em Brasília e em todo o país. Como não é fabricado a partir do sangue de outras pessoas, sua utilização reduz sensivelmente o risco de transmissão de doenças. Ontem à tarde, Pedro Arthur foi o primeiro paciente a receber a injeção do fator oito recombinante. "Qualquer tratamento que melhore a vida do meu filho é bem-vindo. Mesmo com a doença, ele é uma criança normal, que brinca com os meninos da idade dele", explica a mãe de Pedro, a dona-de-casa Marlene Miranda da Silva, 22 anos.

Lançamento

O uso do remédio na rede pública de saúde do DF foi anunciado durante cerimônia que contou com a presença do secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, e da governadora Maria de Lourdes Abadia. Ela entregou ao presidente da Federação Internacional de Hemofilia, o americano Mark Skinner, uma medalha de comendador da ordem do mérito de Brasília. O evento foi realizado



PEDRO ARTHUR NO LANÇAMENTO DO TRATAMENTO NO HOSPITAL DE APOIO: PRIMEIRO PACIENTE DO DF A RECEBER A INJEÇÃO COM O NOVO MEDICAMENTO

no Hospital de Apoio, que atende todos os 500 pacientes hemofílicos do Distrito Federal.

Desde 2002, o hospital é a única instituição brasileira considerada referência no tratamento da hemofilia pela federação mundial. A coordenadora do Centro de Tratamento de Coagulopatias da Secretaria de Saúde, Jussara Almeida, explica que o Hospital de Apoio é também referência no tratamento domi-

liar. "O uso do fator oito recombinante é só mais uma conquista. Ele elimina em 100% o risco de transmissão de doenças do sangue", explica a médica.

A hemofilia é uma doença hereditária, que se manifesta quase exclusivamente no sexo masculino. Os pacientes não têm no sangue uma proteína responsável pela coagulação. A ausência desse fator faz com que os doentes tenham sangramentos mais fre-

quentes e mais fortes do que pessoas com níveis normais dessas proteínas. Os hemofílicos não sangram até morrer por causa de pequenos traumas. A maior preocupação, no entanto, são as hemorragias internas, principalmente nos músculos e nas articulações.

O tratamento da doença evoluiu muito desde o início do século passado. Os hemofílicos já foram tratados até com aplica-

ções de veneno de cobras. As transfusões sanguíneas, que também foram uma opção para os pacientes, já são praticamente ultrapassadas. Na década de 50, começou a ser realizado o tratamento com plasma sanguíneo, que substituía a proteína. Esse fator oito hemoderivado é obtido a partir do plasma de milhares de doadores. Na década de 90, doenças como a Aids e a hepatite C atingiram um grande

número de hemofílicos que se submetiam ao tratamento.

Evolução

O sociólogo Herbert de Souza, mais conhecido como Betinho, foi um dos responsáveis pela popularização da doença e pela mobilização em defesa dos pacientes. Ele e seu irmão, o cartunista Henfil, eram hemofílicos e morreram contaminados com o vírus da Aids por causa do tratamento. Henfil morreu em 1988 e Betinho em 1997. Atualmente, o uso do fator oito é controlado e seguro e não expõe os pacientes ao risco de contaminação. Mas a sua forma recombinante produzida por meio da engenharia genética elimina totalmente as chances de transmissão de doenças.

Inicialmente, o fator oito recombinante será usado no DF apenas em crianças. O uso do remédio é chamado tratamento profilático. A utilização regular, de duas a três vezes por semana, é uma forma de prevenção contra hemorragias e danos no futuro. Seu uso proporciona uma vida praticamente normal ao hemofílico. O aposentado João Santarém tem dois filhos com hemofilia, Ezequiel, de 6 anos, e Igor, de 13 anos. "Sempre que necessário a gente vem ao Hospital de Apoio buscar remédios ou fazer consultas. Estou feliz em saber que há novidades no tratamento", conta.

Uma equipe do Laboratório de Biologia Molecular da Universidade de Brasília integra a Rede Fator 8, uma rede de pesquisa que conta com a participação de especialistas das universidades de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Ribeirão Preto. Os pesquisadores estudam o fator oito recombinante e já conseguiram sintetizar a proteína em laboratório.